

III. RESENHAS

MORLEY, N. *CLASSICS: WHY IT MATTERS*. CAMBRIDGE: POLITY, 2018. 143 P.

*Juliana Bastos Marques*¹

Preocupados com acirramento dos ataques às humanidades no meio universitário, político e econômico, os acadêmicos da área já há um tempo têm procurado construir defesas e justificativas para se manter.² Tanto no mundo anglo-saxão³ quanto em outros países – o Japão foi notícia há poucos anos⁴ – as universidades têm fechado ou ameaçado fechar diversos cursos, tais como nas áreas de Letras, Filosofia, História e Ciências Sociais, sob argumentos que variam num espectro entre “falta de utilidade para as demandas sociais atuais” e corte de gastos.⁵ A ameaça neoliberal não disfarça sua preferência pelas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), ao considerar que apenas elas fornecem condições para gerar a mão-de-obra qualificada que o crescimento da economia demanda – como se as universidades fossem todas apenas fábricas subordinadas ao comando do mercado.

A área de Estudos Clássicos é uma das mais frágeis nesse ataque, até mesmo porque também, além dessas críticas utilitaristas, já vinha sofrendo há décadas pelo lado da esquerda, com críticas ao seu status tradicional elitista e eurocêntrico. No

¹ A autora é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: juliana.marques@unirio.br

² Stover, Justin. There is no case for the humanities. *The chronicle of Higher Education*, 4 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.chronicle.com/article/There-Is-No-Case-for-the/242724/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

³ Preston, Alex. The war against humanities at Britain's universities. *The Guardian*, 29 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2015/mar/29/war-against-humanities-at-britains-universities>>. Acesso em: 30 jul. 2018. Lewin, Tamar. As interest fades in the humanities, Colleges Worry. *The New York Times*, 30 de outubro de 2013. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/10/31/education/as-interest-fades-in-the-humanities-colleges-worry.html>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁴ Grove, Jack. Social sciences and humanities faculties ‘to close’ in Japan after ministerial intervention. *Times Higher Education*, 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/news/social-sciences-and-humanities-faculties-close-japan-after-ministerial-intervention>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁵ A falta de matrículas de mulheres me parece um argumento absurdo, cf. Tworek, Heidi. The real reason the humanities are ‘in Crisis’. *The Atlantic*. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/education/archive/2013/12/the-real-reason-the-humanities-are-in-crisis/282441/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Brasil, porém, talvez por ser periférico entre a totalidade das humanidades e sem tanta tradição no caráter exclusionista da carreira, os ataques se concentram na (“falta de”?) relevância local: os pesquisadores da área estão a todo tempo preocupados em justificar seus estudos e sua existência, dos corredores de suas universidades até as agências financiadoras.

É dentro do contexto geral do debate que a editora Polity lançou a coleção *Why It Matters*, de pequenos ensaios engajados especialmente na defesa da relevância dos campos de estudo das humanidades.⁶ Considerando nossas recorrentes necessidades retóricas para a construção de argumentos em projetos de captação de recursos, e com a saturação e esvaziamento da justificativa recorrente do passado clássico como origem da nossa civilização, foi com muita curiosidade que li – avidamente – o livro de Morley.

O autor é conhecido tanto por suas monografias ligadas à história econômica do mundo romano⁷ e seus mais recentes estudos sobre a recepção de Tucídides⁸ quanto por obras de divulgação e manuais para estudantes de História Antiga.⁹ O conectado Morley também tem um blog¹⁰ e é bastante ativo em sua conta no Twitter,¹¹ onde, entre outros assuntos, costuma corrigir citações falsas de Tucídides. Trata-se, portanto, de um classicista longe dos padrões tradicionais e que procura abrir diálogo com o público geral. Isso levaria a crer, assim como pelo formato da coleção, que a obra é direcionada a não especialistas, mas creio que não é o caso. Trata-se, ao invés disso, de um pequeno libelo feito para provocar os colegas classicistas e obrigá-los a repensar antigos conceitos.

O livro é dividido em quatro capítulos e um *Afterword* crucial. O primeiro capítulo, “What’s wrong with Classics”, abre, como seria de se esperar, explicando rapidamente a história da importância (e posterior desimportância) do mundo clássico – desde o Renascimento, com a crença de que os antigos seriam modelos superiores, passando pelo debate da superioridade dos modernos, até o estabelecimento das disciplinas acadêmicas formais no século XIX e a canonização dos Estudos Clássicos como o lugar por excelência de prestígio social da elite. O estudo dos autores gregos e romanos, pináculos de perfeição, excelência e glória, revelaria as raízes da Civilização

⁶ Até agora foram lançados os volumes sobre História, Antropologia, Estudos Clássicos, Geografia e Linguística.

⁷ Ver Morley (2002, 2006).

⁸ Ver Morley (2012, 2014) e Lee e Morley (2014).

⁹ Ver Morley (1999, 2004).

¹⁰ <<http://thesphnxblog.com>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

¹¹ <<http://www.twitter.com/NevilleMorley>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Ocidental (ele não usa as maiúsculas, mas “engrandeço” o termo de propósito), proporcionaria, através do domínio do latim e do grego, a chave para o passado e mesmo uma sólida base para a gramática do vernáculo, forneceria habilidades filológicas e críticas cruciais para outras atividades, e demonstraria sua superioridade intelectual até mesmo por ser um mecanismo mais para o “desenvolvimento do espírito” do que para a crua atividade braçal. Ou seja, trata-se dos argumentos ideais para formar os quadros da elite política britânica, conquistadora de todo mundo e fornecedora da civilização.

A partir daí, Morley começa a desenvolver os seus dois pontos principais de provocação, dois elefantes na sala dos classicistas que de vez em quando vemos, mas deixamos invisíveis para evitar lidar com seu tamanho monstruoso. O primeiro deles é a divisão que o século XIX trouxe ao estudo do mundo clássico entre a filologia tradicional, a história, a filosofia e a nova disciplina da arqueologia. Em duas vezes no texto ele usa a palavra “ameaça” (threat) para descrever como os historiadores se apropriaram de questões sobre o mundo antigo que tiraram a primazia do método e das fontes que a filologia clássica havia consolidado desde o período renascentista – é a *Altertumwissenschaft* de Niebuhr, Meyer, Mommsen e Willamowitz, mas também a história econômica ou a história cultural da segunda metade do século XX.

O segundo elefante – estou aqui resumindo pontos que ele anuncia nesse capítulo, mas que desenvolve ao longo de todo o texto – é a incômoda separação entre duas abordagens sobre os antigos, que para conveniência da discussão vou tomar dos debates sobre economia, a dos “modernistas”, que veem pontos de contato diretos entre os antigos e nós, e a dos “primitivistas”, que veem os gregos e romanos através essencialmente do olhar da diferença. Como ele não usa esses termos, o que apresenta é uma contraposição entre aquela ideia tradicional dos antigos como modelo, através de discussões como a relevância de Tucídides para as relações internacionais atuais, e a prudência dos pesquisadores ao evitar paralelos explícitos, o “não é bem assim” tão problematizador que muitas vezes termina por afastar o público leigo.

A abordagem “modernista” é também próxima de dois momentos cruciais da “Civilização Ocidental” que usaram explicitamente o passado clássico para se sustentar: o colonialismo, especialmente britânico, no século XIX, e o fascismo, no século XX, também adequando elementos úteis do mundo antigo e descartando os embaraçosos, como no caso da (excludente) democracia ateniense. Essa abordagem elitista e eurocêntrica, masculina e branca, deixa agora no século XXI de ser o

marcador de distinção social por excelência (do mundo britânico, o público-alvo de Morley), para se mostrar uma forma de exclusão de outros grupos – mulheres, negros, periféricos, “imigrantes”. Em particular, ele inclui uma breve referência à recente discussão sobre o acesso de alunos de escolas públicas aos centros de excelência de Oxford e Cambridge (“Oxbridge”) que nos remete muito fortemente, *mutatis mutandis*, à política de cotas no Brasil, e que é interessante conhecer melhor.¹²

Um ponto particularmente interessante da crítica de Morley é a constatação de que, em contraste com a sempre popular abordagem dos grandes homens e dos modelos da *historia magistra vitae*, são os próprios classicistas – ou pelo menos as mais novas gerações – que fazem o trabalho de desconstrução desses clichês, estudando o passado com novos olhares e questionando conceitos do “senso comum” com abordagens interdisciplinares e a sempre complexa discussão do “não é bem assim”. Dois bons exemplos, que ele cita mais ao fim do livro, são a presença de negros na Britânia romana e a cor na estatuária antiga, que causaram tanta polêmica recentemente nas redes sociais. Embora essas não sejam em si diferenças em relação aos antigos, causam estranhamento dentro do “senso comum” que a tradição clássica consolidou. Porém, no outro lado do espectro, esse estranhamento “primitivista” acaba levando, e essa é apenas uma observação minha inspirada pela leitura de Morley, à diferença dos antigos pelo lado do maravilhoso herodoteano, das curiosidades do History Channel e de obras de divulgação popular.

No entanto, deixo uma provocação ao autor e a todos nós: se o “senso comum” sofre tanta resistência a novas leituras, isso mostra como há uma grande lacuna entre o público e a academia, e nós não conseguimos ainda com muito sucesso desfazer o sólido, porém carcomido, edifício da grandeza dos clássicos que de certa forma nada mais é do que uma invenção da tradição. Daí fica a pergunta: quem detém o poder e os canais para construir e consolidar a demanda não especializada por conhecimento sobre os antigos? Se não parecem ser os acadêmicos, como mudar esse quadro?

No segundo capítulo, “Charting the past”, Morley retoma o primeiro dos elefantes: o problema das fronteiras da disciplina. Mas, dentro da análise otimista da

¹² Em especial a crítica conservadora de James Delingpole, For a real Oxbridge education, you now have to go to Durham. *The Spectator*, 25 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.spectator.co.uk/2017/03/for-a-real-oxbridge-education-you-now-have-to-go-to-durham/>>. Acesso em: 30 jul. 2018. Respostas de Edith Hall (Rejoinder to a self-appointed policeman of privilege, 25 de março de 2017. Disponível em: <<http://edithorial.blogspot.com/2017/03/rejoinder-to-self-appointed-policeman.html>>. Acesso em: 30 jul. 2018) e Mary Beard (Dear James Delingpole..., *The Times Literary Supplement*, 26 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.the-tls.co.uk/dear-james-delingpole/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

renovação das abordagens no campo, ele também lembra que as próprias fronteiras do que se entende por mundo clássico se expandiram,¹³ por exemplo com o atual uso de “Mediterrâneo Antigo” como ponto de definição da disciplina, ao invés do conceito evolutivo de “civilização”, a valorização de áreas periféricas do Império Romano ou a grande expansão do estudo do mundo grego para além das *poleis* de Atenas e Esparta – espacial e temporalmente. Particularmente notório é o estudo do próprio conceito de fronteira, que se lê atualmente menos pela separação do que pela intensa troca com o outro e a ideia de fluidez. Contemporizando a polêmica que levanta no capítulo anterior, Morley conclui que os Estudos Clássicos podem assim ser entendidos como uma ágora, um ponto de encontro para perspectivas diferentes. Como os classicistas não teriam como ser proficientes em todas as teorias necessárias para abordar tanta interdisciplinaridade, a situação convidaria para o trabalho colaborativo e para os estudos comparados. Não deixo de concordar, com a ressalva de que a ausência de teoria é uma rejeição bastante específica do mundo acadêmico anglo-saxão,¹⁴ mas ainda estou para ver como vai se dar esse trabalho colaborativo que tanto ele quanto eu queremos.

O terceiro capítulo fala sobre o presente, ou sobre onde foram parar os clássicos até agora. Aqui ele discute alguns problemas relacionados ao estudo de recepção, criticando o caráter apenas descritivo de muitos deles, e lança mais uma polêmica: os classicistas “podem não necessariamente ser as melhores pessoas para estudar a recepção dos clássicos” (p. 86). Isso ocorre porque, como conhecem melhor o original, tendem a incorrer na sua análise a um julgamento de valor do produto final, discorrer sobre o quanto seria fiel e correta a referência ou mesmo a supervalorizar o original em detrimento da própria recepção. Para ele, porque a antiguidade é inevitavelmente reinterpretada na recepção, o papel do pesquisador é exatamente interpretar esse resultado, bem como o processo e contexto que a fizeram ser o que é. Ainda mais, toda recepção é política, pois em sua reinterpretação, serve como apoio ou a um discurso de manutenção do *status quo* ou à própria revolução. Assim, como o propósito conservador é essencialmente excludente ao criar e reforçar mitos, “se os clássicos não reconhecem quão longe têm ido e o quanto ainda são implicados nesse processo de exclusão e fabricação de mitos, então serão importantes no mundo contemporâneo

¹³ Questionamento que também está presente há um certo tempo no Brasil, ver Guarinello (2003).

¹⁴ Onde se faz necessário escrever algo como o recente manifesto *Theses on Theory and History* (<<https://theoryrevolt.com>>). Acesso em: 30 jul. 2018.

precisamente no sentido oposto – como uma arma nas mãos dos conservadores culturais, e objeto de desconfiança e escárnio para todo o resto” (p. 93).¹⁵

O quarto e último capítulo é intitulado “Anticipating the future”. Para Morley, a importância do legado dos clássicos continua não só pelo seu valor no passado, mas justamente porque nós mesmos acreditamos que esse valor exista. Aqui o autor apresenta, mesmo que brevemente, um dos melhores argumentos a favor do estudo das humanidades que eu já vi: como a automatização e a inteligência artificial deverão substituir muito em breve os postos de trabalho, serão justamente as humanidades, com sua capacidade analítica geral e flexibilidade de raciocínio, que irão sobreviver. Ou assim esperamos... Porém, para alcançar um público mais amplo, é necessário que este queira que os complexos questionamentos dos classicistas sejam ouvidos, ou seja, é imperativo combater a irracionalidade daqueles que mantêm a todo custo suas opiniões, como estamos vendo com os “guerreiros de teclado da direita alternativa”.¹⁶

No seu *Afterword*, Morley abre o jogo. Ele não se vê como um classicista *tout court*, mas sim como “um historiador que mexe com coisas antigas”.¹⁷ Admite até que não tem um conhecimento profundo do latim e do grego, como se esperaria do “proper classicist” do passado. É nesse sentido que podemos entender seu texto não como uma obra de divulgação dos clássicos para o grande público, mas sim como um libelo provocador voltado para seus próprios colegas. Pode alguém sem a formação tradicional de filólogo estudar os clássicos legitimamente? Ele afirma que sim. Convidando todos à ágora, é por causa da enorme força da tradição e da imagem do legado clássico que os classicistas, interdisciplinares por definição e por obrigação, “precisam pensar sobre seu lugar no mundo e interagir com ele” (p. 131).¹⁸

Resenha recebida em 18.06.2018, aprovada em 12.07.2018.

¹⁵ “if classics does not recognize how far it has been and still is implicated in such processes of exclusion and myth-making, then it will come to matter in the contemporary world in precisely the wrong way – as a weapon in the hands of cultural conservatives, and an object of mistrust and derision to everyone else”.

¹⁶ “alt-right keyboard warriors”, p. 130.

¹⁷ “a historian who does ancient stuff”, p. 126.

¹⁸ “classicists need to think about their place in the world and to engage with the world”, p. 131.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Guarinello, N. L. Uma morfologia da História: As formas da História Antiga. *Politeia*, v. 3, n. 1, p. 41-62, 2003.

Morley, N. *Writing Ancient History*. Cornell University Press, 1999.

_____. *Theories, Models and Concepts in Ancient History*. London & New York: Routledge, 2004.

_____. *Metropolis and Hinterland the City of Rome and the Italian Economy, 200 BC-AD 200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

_____. *Trade in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. *Thucydides and the Modern World Reception, Reinterpretation and Influence from the Renaissance to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

_____. *Thucydides and the Idea of History*. London: I.B. Tauris, 2014.

Lee, C.; Morley, N. (eds) *A Handbook to the Reception of Thucydides*. Malden MA: Wiley-Blackwell, 2014.